

**João Dantas Anjos  
Neto**

(UFG)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5353-3981>.

E-mail: [joaodantas@ufg.br](mailto:joaodantas@ufg.br)

**Cassetetes, Tiros  
e Enfrentamentos: Resistências  
Gays no Declínio da Ditadura  
Militar Brasileira de 1964**

**Baton Strikes, Gunshots, and  
Confrontations: LGBT  
Resistances in the Decline of  
the Brazilian Military  
Dictatorship of 1964**

**Porras, disparos  
y enfrentamientos: la  
resistencia gay en el  
declive de la dictadura militar  
brasileña de 1964**

## RESUMO

Esta pesquisa trata da relação entre o contexto, o movimento e a resistência LGBT no Brasil, conforme este se deslocou para a Bahia e, posteriormente, para o Estado de Sergipe, ao longo do fim da década de 1970 até meados da década de 1980. Considerou-se a influência do ativismo gay estadunidense, bem como a fundação e atuação pioneira de periódicos e grupos LGBT brasileiros, destacando-se o “O Lâmpião da Esquina”. Nesse contexto, buscamos compreender o que James Green (2000) chama de “primeira onda”.

**Palavras-chave:** LGBTQIA+; Lâmpião da Esquina; Resistência.

## ABSTRACT

This research deals with the relationship between the context, the LGBT movement, and resistance in Brazil and how it moved to Bahia, and then to the state of Sergipe along the late 1970s to the mid-1980s. The influence of American gay activism was considered, regarding the foundation and pioneering performance of Brazilian LGBT magazines, mainly “O Lâmpião da Esquina” [“The Street Corner Lamp”]. In this, we seek to understand what James Green (2000) calls “first wave”.

**Keywords:** LGBTQIA+; Lâmpião da Esquina; Resistance.

## RESUMEN

Clubes, Tiros y Enfrentamientos: La Resistencia Gay en el Declive de la Dictadura Militar Brasileña de 1964 Resúmen Esta investigación aborda la relación entre el contexto, el movimiento y la resistencia LGBT en Brasil, desde que se trasladó a Bahía y, posteriormente, al Estado de Sergipe, a finales de la década de 1970 y mediados de la de 1980. Se consideró la influencia del activismo gay estadounidense, sobre la fundación y actuación pionera de las revistas y grupos LGBT brasileños, especialmente “O Lâmpião da Esquina”. En esta maraña, buscamos comprender lo que James Green (2000) llama la “primera ola”.

**Palabras clave:** LGBTQIA+; Lâmpião da Esquina; Resistencia.

Submissão: 23-9-2021

Decisão editorial: 18-4-2024

## Introdução

O presente artigo versa sobre os contextos, condições e potenciais do movimento LGBT no Brasil durante o declínio da ditadura militar, entre 1979 e 1985. Utilizamos a análise das influências e disseminações de ideias no país como forma de entender as articulações e as construções de resistências, assim como a expansão do campo de enfrentamento para outros estados. A politização, referente ao que se chamou movimento gay e posteriormente LGBT, centrava-se em São Paulo e Rio de Janeiro. No ano de 1980, Salvador passou a compor esse cenário de enfrentamento, exercendo influência sobre alguns militantes e intelectuais sergipanos contrários a todo um processo – desde o planejamento da cidade numa perspectiva racista e elitista. É na conservadora Aracaju que surge, em 1981, um movimento pioneiro, chamado “*Dialogay*”.

Durante o processo final da década de 1970 se estendendo até meados da década de 1980, levando em consideração tanto o efeito do ativismo gay norte-americano como a formação e a execução de periódicos e grupos LGBT no Brasil, emergiu um novo movimento. Nesse contexto, grandes veículos da imprensa nacional, como o jornal *A Tarde*, periódico diário de maior tiragem no estado da Bahia, incentivavam abertamente a perseguição e o extermínio de

gays, lésbicas, bissexuais e, sobretudo, travestis. Neste universo de perdas de direitos humanos, sobreposição do poder do estado armado, objetivamos entender o que James Green (2000) chama de “primeira onda”.

Com o objetivo de melhor organizar a exposição e discussão das temáticas abordadas, o artigo compõe-se em três partes. Em primeiro momento, o foco se projeta para as raízes e desdobramentos do ativismo gay norte-americano, a partir de 1950, culminando na Rebelião de *Stonewall*, em 1969 – um marco fundador da resistência LGBT como movimento coeso e politicamente articulado. A segunda parte concerne às raízes e resistências do movimento LGBT no Brasil, sob as sombras da ditadura militar de 1964 e, portanto, em um contexto mortalmente homofóbico. Deste modo, esta parte é dedicada ao surgimento e desenvolvimento de veículos de comunicação e grupos militantes da causa LGBT. Dentre os primeiros, ressalta-se o periódico *Lampião da Esquina*; em seguida, ressalta-se o grupo *SOMOS* e o *Grupo Gay da Bahia*. A terceira parte, por sua vez, se dedica aos contextos, resistências e surgimento improvável, na década de 1980, do movimento gay em Aracaju, capital de Sergipe – Estado onde o tradicionalismo intensificava ainda mais a perseguição de gays, lésbicas e travestis. Capital construída a partir do abandono da histórica São Cristóvão - SE, antiga capital, onde toda uma população negra e pobre foi relegada à miséria, melancolia e revolta. A cidade possui patrimônios tombados pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura UNESCO, em 2021 foi considerada umas das mais violentas de Sergipe.

Ressalta-se que utilizamos um método historiográfico para discussão acerca do movimento LGBT no

Brasil no decorrer do período de declínio da ditadura militar. Foram utilizadas fontes primárias, a partir de documentos históricos, registros de organizações LGBT e jornais da época, assim como as fontes secundárias, contendo obras acadêmicas e ensaios que envolvem o tema. Outrossim, a abordagem metodológica inclui uma reflexão analítica entre o movimento LGBT nos Estados Unidos e no Brasil, destacando fatos marcantes e as trocas de influências entre os dois cenários. Por fim, buscou-se situar o surgimento e expansão do movimento LGBT no Brasil no que se refere ao cenário político, social e cultural da época, com foco na relação com a ditadura militar e suas ramificações subsequentes.

Ademais, é relevante mencionar que o presente artigo é fruto de minha tese de doutorado, na qual, em determinado momento, empenhei-me em investigar o movimento LGBT no Brasil durante o declínio da ditadura militar. Destarte, esta investigação denota uma síntese dos achados obtidos ao longo deste processo de pesquisa acadêmica.

### **Stonewall: a luta pelos direitos LGBTQI+**

Após a Segunda Guerra Mundial, intensificaram-se as lutas pelos direitos humanos, principalmente na América do Norte. O primeiro grupo gay, nos anos 1950, era composto somente por homens e autodenominava-se *Mattachine Society*. Realizava reuniões secretas e era constituído de adeptos da perspectiva médica que, na época, tratava a homossexualidade como patologia. Seus membros usavam roupas nos padrões estéticos da classe média norte-americana, e sua frase de ordem era: "Reforme sua própria imagem e, então, comporte-se de acordo com a sensibilidade

da classe média". Posteriormente, em 1953, foi criada a revista *One*, com foco no público homossexual e, em 1955, o ativo grupo de lésbicas *Daughters of Bilitis* (DOB), ambos críticos das posições patologizantes e conservadoras do grupo *Mattachine Society* (Camargo, 2007).

Este cenário, com poucas organizações civis, foi se fortalecendo, a exemplo de outros grupos, e realizando mudanças sociais importantes nas décadas de 1960 e 1970, nos Estados Unidos. A revolta de *Stonewall* foi um ponto importante na luta pelos direitos de gays, travestis e lésbicas.

*Stonewall*, um pequeno bar localizado no bairro de *Greenwich Village*, em Manhattan, Nova York, foi invadido por uma ação policial na noite de 28 de junho de 1969. Travestis e *drag queens* foram forçadas a se despir; aquelas que possuíam genitália masculina seriam detidas – o que não chegou a acontecer devido à intervenção do público. Esse fato, que expressava a política da época, gerou uma reação conhecida como A Rebelião de *Stonewall*. Naquela noite, o grupo resistiu no próprio local. Nas noites seguintes, centenas de pessoas, entre elas não apenas gays, lésbicas, travestis e *drag queens*, mas muitos outros militantes simpatizantes, organizaram barricadas, realizando manifestos em frente ao *Stonewall* e redondezas.

Do nada, apareceu um parquímetro arrancado e usado como porrete na porta do *Stonewall*. Ouvi gritos de "vamos pegar gasolina", mas o clarão de fogo que surgiu em seguida na janela do *Stonewall* foi outro choque. Reforços vieram resgatar os policiais acudados no bar em chamas, mas seu trabalho mal tinha começado. A rebelião prosseguiu noite adentro [...] na noite seguinte, pichações com a frase "gay power" aparece

nos muros da Christopher Street (D'emilio apud Simões, 1998, p. 231-232; Facchini, 2009, p. 86).

Tais manifestações contribuíram tanto para uma politização da comunidade LGBTQ+ quanto para as publicações dos primeiros periódicos LGBTQ+ nova-iorquinos, e às primeiras Paradas Gay – que ocorreram no dia 28 de junho de 1970, em Nova York, Los Angeles e São Francisco. Hoje, apesar de haver paradas ou marchas do orgulho gay durante todo o ano, algumas mantêm a data de 28 de junho (Carter, 2004). Havia segregação e obscurantismo nos bares, alguns sob o domínio da máfia, com frequentes batidas policiais. Raros eram aqueles locais em que se podia dançar, de acordo com jornais da época – a exemplo do *New York Times*, que escreveu matérias referentes à invasão.

Foucault, em aula de 22 de janeiro de 1975, citada em “Os anormais” (2001), trata desse tipo de figura, que constitui o domínio da anomalia. Até mesmo a adjetivação pejorativa e jocosa com que é tratada revela a existência de um conflito instalado. Podemos salientar que, além dessa disputa por espaço, havia, nos Estados Unidos dos anos 1960, outras comunidades com articulações e lutas – como o movimento negro e grupos contrários à guerra do Vietnã. As décadas de 1960 e 1970 foram de grandes embates e reivindicações de direitos, por grupos militantes (Carter, 2004).

Quando o Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade (CUS/UFBA) organizou o evento “Stonewall 40 + o que no Brasil”, em setembro de 2010, na cidade de Salvador/BA, Deco Ribeiro (2010, p. 153), notório professor e ativista, pontuou que Stonewall foi o marco inicial, onde “gays, lésbicas e *drag queens* se uniram pela primeira vez [...] contra a intolerância”.

Essa nova forma de viver os desejos sexuais, reivindicada pós-*Stonewall*, que muda a forma como os gays se veem e os fortalece para a luta, seria diferente se não tivessem ocorrido, também, as discussões sobre questões de gênero levantadas pelas feministas, caso as mulheres não tivessem queimado seus sutiãs e questionado a opressão dos seus desejos. Se maio de 1968 foi o responsável por ação e argumentos, foi o movimento feminista que pautou ambos – *Stonewall* e maio de 68 – como expressões de levantes que se alimentam nos discursos e ações de diferentes grupos ditos “minoritários”. Com efeito, conforme Trindade (2007), ambos os eventos se retroalimentaram e compartilharam nexos comuns.

Imediatamente após a revolta de *Stonewall*, em vários Estados norte-americanos, foram criados grupos militantes que tinham como bandeira a causa gay: *Gay Activists Alliance*, *Gay Liberation Front*, *Mattachine Action Committee*, *The National Black Feminist Organization*, *ACT UP* e muitos outros. A esse movimento, que não se restringia aos EUA, foi atribuído o termo “liberação gay” (Trindade, 2007). Além de novos grupos, também surgiram informativos e outros tipos de publicações, ora ligados entre si, ora independentes. A literatura, nesse contexto de transformação social, como afirma Trindade (2007), passa a marcar as narrativas homoeróticas. As questões gays, políticas e culturais, criam um ambiente que os norte-americanos, conservadores ou não, não podem simplesmente desprezar. Na Costa Leste, Nova York mostrava-se como ponto de debate principal; na Costa Oeste, em Los Angeles, uma grande migração de gays para o bairro de Castro levaria ao poder, em



1977, o primeiro político assumidamente gay, Harvey Bernard Milk.

Não diferente do resto do país, San Francisco era conservadora. No entanto, o grande contingente de gays e lésbicas criava um ambiente de maior enfrentamento, no qual destacavam-se grupos como o *Society for Individual Rights* (SIR) ou o *Daughters of Bilitis* (DOB). Este último travava confrontos contra a perseguição sofrida por gays, travestis e lésbicas, e a criminalização do sexo oral, principalmente nos bares. Entretanto, as camadas mais conservadoras e detentoras de poder e capital simbólico mantinham-se rígidas.<sup>1</sup>

Milk, após três tentativas, foi eleito supervisor municipal de San Francisco, mas foi morto onze meses depois, por um opositor conservador, Dan White. Mesmo nesse curto período, conseguiu aprovação de um projeto de lei que tratava da não discriminação por orientação sexual. Milk tornou-se símbolo da luta gay, sendo tema de documentários e de várias outras homenagens. O reflexo disso foi uma politização dos grupos LGBTQIA+<sup>2</sup>.

A questão dos direitos LGBTQIA+ nos Estados Unidos é variável. Enquanto em New York pode-se andar de mãos dadas, no sul do país tal ação pode resultar em agressões. O site *huffingtonpost.com* salienta o crescimento recorde de assassinatos de transexuais e do número de suicídios, possivelmente resultante da transfobia.

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.biography.com/people/harvey-milk-9408170#new-life-in-san-francisco>. Acesso em: 31 de janeiro, 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.biography.com/people/harvey-milk-9408170#new-life-in-san-francisco>. Acesso em: 26 de janeiro, 2016.

## O Brasil visto da Lua<sup>3</sup>

Nos anos 1950, o Brasil passava por um período de pouca efervescência política e cultural, e Carmen Miranda era entendida por certos segmentos como manipulada para a construção de um “Brasil”, no singular, estereotipado, alegre e lascivo. No entanto, esse processo vai lentamente se transformando e a Era Vargas se distanciando. Embora a década de 1960 tenha sido marcada pelo encorajamento de políticas de afirmação em países como França e Estados Unidos, a postura de autopreservação do corpo, no Brasil, era “manter-se no armário”, expressão adaptada do “*Coming out of the closet*”, só que no sentido inverso.

Analisemos o quanto essas publicações, algumas com dez ou mais anos de antecedência ao número zero do periódico O Lampião, pavimentaram uma trilha para a chegada deste. No caso da *Snob*, foram produzidas 99 edições, entre 1963 e 1969. Como salienta Perét (2011), a revista possuía um grupo de leitores seletos, com material datilografado e mimeografado, em que o próprio nome a mantinha distante do texto político, porém, não podemos discordar que uma revista em circulação por seis anos torna-se uma ferramenta política, até mesmo pelo ato de negá-la.

Os textos eram escritos em uma linguagem com forte referência às expressões do universo homossexual desde o século XIX – contribuindo para a construção de um código linguístico próprio do grupo e sua preservação. Mantinha os leitores informados dos lugares de frequência de gays e lésbicas, mas, quanto

---

<sup>3</sup> Título da primeira parte da publicação de João Silveira Trevisan (2000). Utilizado, aqui, como uma metáfora da impossibilidade deste tão longínquo distanciamento do fato social.

às referências às travestis, não foi encontrado autor que as fizesse. Foi Hélio Gato Preto que, com outros editores, resolveu lançar um novo periódico, o *Gente Gay*, em 1976, que logo entraria na clandestinidade. Ele, então, “optou por continuar como na década anterior circulando o *Gente Gay* de modo informal” (Green, 2000: 421). Assim, como fez Lisa Ben, que distribuiu, em 1947 e 1948, seu jornal *Vice-Versa* de mão em mão pelos bares de Los Angeles (Rodrigues, 2014).

A imprensa de caráter editorial político gay, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, surgiu do desejo de sair do anonimato e de construir identidades. Lisa Ben, pseudônimo de Edythe Eyde, surpreende até hoje pela forma como criou, durante o trabalho como secretária, um jornal, que variava de nove a vinte páginas, e não possuía nomes, endereços ou desenhos. Lisa Ben, em entrevista posterior sobre o periódico, afirma ser “um meio através do qual podemos expressar nossos pensamentos, nossas emoções, nossas opiniões – enquanto o material fosse ‘dentro dos limites do bom gosto’” (Katz, 1983, p.618).

O *Lampião*, nome utilizado na edição zero, passaria a ser chamado de “Lampião da Esquina” a partir da edição seguinte, uma vez que existia um jornal com esse nome no Rio Grande do Sul. Foi um dos jornais que melhor se confrontou com o recém-criado grupo SOMOS, em relação à questão de gênero e à emergente identidade gay no Brasil. Lançado em abril de 1978, ano das eleições realizadas pelo governo Geisel, que prometia uma abertura “lenta, gradual e segura”, revelando um enfraquecimento do governo militar, cujo ápice ocorreu em 1968 com o AI-5 (Ato Institucional número 5) (Ferreira, 2010). Nesse momento, começa visivelmente a distensão política,

e o *Lampião da Esquina* posiciona-se contrariamente, de um lado, à moral conservadora da esquerda e, de outro, ao pragmatismo da direita.

A influência dos tabloides norte-americanos evidenciava-se e, dentro da imprensa alternativa, surge o Projeto *Lampião da Esquina*, antecedido pela visita ao Brasil do editor do periódico *Gay Sunshine*, Winton Leyland (Macrae, 1990). O periódico americano foi um dos grandes expoentes pós-*Stonewall* e destacou-se pela forma de luta, ressaltado pelo sucesso alcançado através da qualidade das discussões políticas e pela aceitação do público<sup>4</sup>. No contato com Leyland, participaram Darcy Penteado, Adão Costa, Agnaldo Silva, Antonio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry, que, posteriormente, constituíram o Conselho Editorial do jornal (Macrae, 1990). Acredita-se que nesse encontro tenha sido definido o traço editorial do *Lampião da Esquina*.

Ao refletirmos sobre a identidade de gênero homossexual (termo aplicado na época) no Brasil, com a qual o *Lampião da Esquina* contribuiu para dar contorno, acreditamos ser importante nos determos para além do enfrentamento da questão dos grupos de gays mais desfavorecidos. O periódico tratava de levantar questões diversas referentes a essa parcela da população que, pelo processo histórico, por uma singular e perniciosa generalização identificatória, foi invisibilizada (Rodrigues, 2014) ou, pior, transformada em monstros-humanos (Foucault, 1984), estigmatizada (Goffman, 2004), portadora de um corpo abjeto,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.leylandpublications.com/>. Acesso em: 24 de janeiro, 2016.

como afirmaria (Butler, 2003), que sofreu punições e foi patologizada (PERES, 2005).

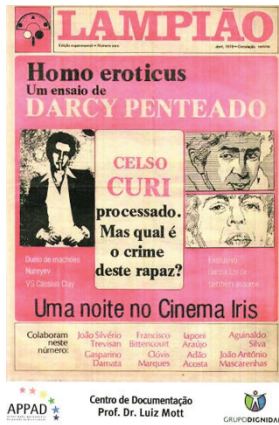
O processo de tensão permanente está implícito, bem como a mobilidade da identidade. O *Lampião*, em sua edição zero, surge com uma tiragem de dez mil exemplares, passando para quinze mil já na edição seguinte. Como podemos analisar na figura 1, a diagramação rompe, em parte, com os jornais da época, que estampavam na capa uma grande matéria. O *Lampião da Esquina*, talvez por seus editores serem intelectuais e ativistas, como o antropólogo Peter Fry, o cineasta e escritor Trevisan e o artista plástico Darcy Penteado, entre vários outros importantes nomes, pôde conceber uma mídia que extrapolava da forma ao conteúdo, criando uma unicidade.

Na edição zero, duas chamadas de capa atraem a atenção: na parte superior, ponto de maior visibilidade, "Homo eroticus – um ensaio de Darcy Penteado", e, no centro da página, "Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?" As letras garrafais e o padrão estético eram inovadores para a época. Ainda havia um ensaio chamado "Lontras, piranhas, ratos, veados, e gorilas, atenção: vocês têm direitos. A ONU decidiu, vocês têm direitos", que, servindo-se da Declaração dos Direitos dos Animais, utilizava a ironia com as lutas das minorias como analogia. A leitura era ilustrada por vários animais sustentando uma faixa na qual se lia "COLEGAS: UNI-VOS!!!"

O periódico, apesar de toda a sua importância, tinha suas limitações. Destinado a um público majoritariamente gay, muitos dos quais de baixa renda, sua circulação era principalmente nos principais centros urbanos do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. A linguagem utilizada, como ilustrado na figura 1, não

era de fácil assimilação. Por exemplo, o ensaio sobre o “*homo eroticus*”, termo que, segundo o *Urban Dictionary*<sup>5</sup>, era uma espécie que se acreditava extinta, do gênero homo. Muitos acreditavam que sua extinção se deu devido à sua ineficiência reprodutiva. Assim, os conceitos apresentados pelo periódico nem sempre eram facilmente compreensíveis para o público em geral (Green, 2014).

**Figura 1:** Capa do Jornal Lampião (Edição experimental/número zero) abril/1978<sup>6</sup>.



Fonte: Cruzeiro do Sul, 2011.

Havia algumas divergências internas. Em entrevista concedida a Rodrigues em 2005, o jornalista Antônio Carlos Moreira, que trabalhou nas últimas 14 edições do jornal, contou como o jornal não tinha

<sup>5</sup> Cf. Disponível em: <http://pt.urbandictionary.com/define.php?term=homo%20eroticus>. Acesso em: 28 de janeiro, 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www2.jornalcruzeiro.com.br/materia/281755/artista-idealizou-1-jornal-parahomossexuais>. Acesso em: 28 de janeiro, 2016.

uma compreensão clara de seu público leitor, devido à falta de pesquisa; Agnaldo Silva desejava um jornal voltado para as “bichinhas suburbanas” e “as bichas da cidade”, enquanto João Silveira Trevisan buscava um jornal mais intelectualizado. Segundo Antônio Carlos Moreira, havia uma grande divergência entre os redatores e também entre os públicos leitores, mas sabia-se basicamente que havia apenas uma heterogeneidade (Rodrigues, 2014).

Neste contexto, é fundado o primeiro Grupo Homossexual do país, o grupo SOMOS, com sede em São Paulo e, posteriormente, outra no Rio de Janeiro, que logo enfrentou conflitos relacionados a sua orientação política. O posicionamento do *Lampião da Esquina* tornou-se ainda mais frágil, pois alguns grupos o boicotaram. Na verdade, havia uma relação simbiótica entre os grupos e os jornais homossexuais nesse momento. Em junho de 1981, a última edição do periódico chegou às bancas com uma linha editorial mais agressiva, abordando temas ainda mais polêmicos, como sadomasoquismo e transexualismo, com uma linguagem típica dos guetos gays. Embora o periódico tenha perdido força, o incêndio estava apenas começando.

Outras iniciativas foram tomadas, como a criação de importantes grupos ativistas, como o SOMOS. A chamada “peste gay” levou milhões à morte e intensificou a homofobia, apesar de pesquisadores americanos saberem que heterossexuais usuários de substâncias injetáveis também estavam no grupo de risco. Carros paravam e pessoas atiravam contra grupos de travestis no centro de São Paulo. Na Bahia, o jornal *A Tarde*, o maior veículo de mídia impressa do estado, publicava “matar veado não é homicídio, é caça”.

Sendo o SOMOS o primeiro grupo de ativismo gay do Brasil, foi inicialmente chamado de Grupo de Afirmação Homossexual. Segundo (Green, 2014), o nome do grupo seria Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, mas foi criticado por ser excessivamente político. Isso nos leva a refletir sobre como, naquele momento de abertura, a questão política era tratada com cuidado, uma vez que o futuro era incerto. A questão do nome foi resolvida usando apenas SOMOS, em homenagem a um periódico argentino que circulou entre 1971 e 1976. A revista argentina questionava os projetos e ações culturais e econômicos nos primeiros anos da ditadura argentina, tornando-se um importante veículo de resistência. Perseguida por sua forte oposição à ditadura argentina, foi extinta em 1976; no entanto, sua visão política continuou influente, já que seus editores contribuíram para novos formatos de publicações.

O acervo do SOMOS, assim como o de outros grupos, ajudou a Comissão Nacional da Verdade (CNV) a denunciar as formas como os homossexuais eram torturados e como resistiram durante os 21 anos do governo militar no Brasil (Green, 2000). A ditadura representou um forte golpe que retardou a organização dos grupos LGBTQI+. Marcados por prisões e humilhações, os ataques policiais noturnos em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo eram sempre ameaçadores e violentos. A BBC, uma importante rede de comunicação britânica, publicou em seu site, em 10 de dezembro de 2014, um artigo intitulado "LGBTs sofriam torturas mais agressivas no Brasil, diz a CNV". O destaque eram as torturas às travestis, mas as extorsões não se limitavam a elas. Essa "limpeza" levou 1.500 pessoas à prisão somente na cidade de



São Paulo, além da perseguição aos incipientes movimentos gays.

A formação do grupo SOMOS foi quase paralela ao lançamento do jornal *Lampião da Esquina*: os dois ocorreram no mesmo ano, e muitos membros transitavam entre os dois, criando uma interação de retroalimentação (Camargo, 2007). Esse movimento propiciou o que (Green, 2014) atribuiu de “a criação da primeira onda” do movimento LGBTQI+ brasileiro, ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Segundo o Green, o reconhecimento das identidades de gênero transitava por formar alianças com grupos representativos de “grupos oprimidos”, referindo-se aos negros, às feministas e aos indígenas. Esse coletivo buscava desenvolver propostas políticas para os trabalhadores que preservassem suas particularidades, como gênero, etnia e religião. Ao considerar o conselho editorial do jornal *Lampião da Esquina* (1978), pode-se perceber uma grande semelhança nas propostas: “Nós também pretendemos ir além, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados – dos negros, índios, mulheres, às minorias étnicas do Curdistão [...]”.

Quando o exército interveio no sindicato do ABC durante a greve geral do setor metalúrgico, houve uma união entre diversos grupos em apoio aos operários. O SOMOS enviou cinquenta pessoas para participar do 1º de maio, em São Bernardo. O grupo levava duas faixas: uma apoiando o movimento “Contra a intervenção nos sindicatos do ABC” e outra destacando a posição em relação à orientação sexual dos trabalhadores “Contra a discriminação do/a trabalhador/a homossexual”. Foi a primeira vez que um grupo assumidamente gay e lésbico participou

de um evento social desse tipo. No entanto, não há registros da presença de travestis no evento de 1º de maio.

O grupo SOMOS estabeleceu uma sede no Rio de Janeiro, onde participou de várias manifestações, mas foi em São Paulo que alcançou maior destaque, respondendo às ações policiais frequentes, lideradas pelo delegado Richetti. Em 13 de junho de 1980, de acordo com Isadora Lins França (2006), uma grande operação deteve arbitrariamente travestis, prostitutas e homossexuais. Uma manifestação significativa foi organizada, envolvendo grupos negros, feministas e gays, como o SOMOS, além de outros grupos incipientes. A repressão a esses grupos finalmente chegou; entre 14 de dezembro de 1976 e 21 de julho de 1977, 460 travestis foram detidas, segundo Green (2014). Para Rodrigues (2014), isso representa o *Stonewall Inn* brasileiro. Embora devamos levar em conta as diferenças culturais ao fazer essa comparação, já que ocorreram em décadas e contextos diferentes, é inevitável notar as semelhanças ao nos depararmos com fenômenos sociais como o “Caso Richetti”.

A atuação do SOMOS e do *Lampião da Esquina* contribuiu para a construção da identidade e dos direitos LGBTQI+, bem como para outras possibilidades de gênero. O movimento feminista, ao questionar sexo e gênero, abriu espaço para que esses grupos, do *Stonewall Inn* ao “Caso Richetti”, pudessem refletir e criar práticas políticas e de prazer, tanto socialmente quanto individualmente. O Grupo SOMOS dissolveu-se, mas outros grupos foram formados, incluindo o *Grupo Gay da Bahia* (GGB) e o Triângulo Rosa, também da Bahia. A chegada da AIDS e a subsequente associação com a comunidade gay, apesar de po-

liticamente construída e não baseada em pesquisas, trouxe uma nova dimensão para a luta.

Ao pesquisar em mídias impressas sobre a AIDS no universo gay dos anos 1980, era comum encontrar uma forte associação entre a doença e os termos “*peste gay*” ou “*epidemia gay*”, usados para se referir às doenças abrangidas pela síndrome, aceitos como verdade incontestável. O biopoder, ao penetrar nos espaços sociais, alcançou uma grande parte da população, transformando-se na “assunção da vida pelo poder” (Foucault, 2006: 285).

Mesmo com outras formas de transmissão, a AIDS foi foco da mídia e do Estado, especialmente no contexto sexual. Inicialmente, permitiu uma abordagem médica do corpo, criando um saber estigmatizante. Esse conhecimento aproveitou-se de uma comunicação compulsória associada ao sexo considerado degenerado e doente, refletido até mesmo no primeiro nome científico dado à síndrome: *GRID - Gay-Related Immune Deficiency* (“Deficiência imunológica relacionada a gays”). A AIDS mapeou a vida sexual dos gays e a moral médica da vida que precisava ser preservada, tornando-se uma obrigação. O medo de perder a vida permeou os movimentos, profundamente afetados por essa doença mortal. A sexualidade tornou-se a ponte dessa sociedade, que define os anormais, mas detém o direito do cidadão, do homem (Foucault, 2001).

A “*peste gay*”, como era conhecida no imaginário popular, foi reforçada pelos veículos de comunicação. Em Salvador, por exemplo, o jornal *A Tarde*, em 14 de janeiro de 1985, publicou várias frases discriminatórias, como “A solução para acabar com a AIDS é a erradicação dos transmissores da peste gay” ou

sugerindo “matar um veado por dia”. Em razão dessa postura, o jornal foi processado pelo *Grupo Gay da Bahia*.

A mídia impressa não estava sozinha: a violência contra a comunidade LGBTT se intensificou. Travestis evitavam agrupamentos, temendo serem alvo de assassinatos, pois havia um risco real de carros pararem e atirarem contra elas. Relatos de linchamentos e humilhações públicas eram comuns. Como destaca Carlos Alberto Messeder Pereira (2004):

[...] ela [a AIDS] foi, pouco a pouco, sendo reconhecida como capaz de atingir os mais diferentes grupos sociais sem que, entretanto, essa sua proximidade simbólica com o mundo homossexual, esta sua “marca de origem” tenha jamais se apagado inteiramente (PEREIRA, 2004: 54).

A presença da AIDS gradualmente substituiu conquistas que pareciam sólidas, e grupos de direita começaram a patologizar a comunidade gay. A alegria que vinha se manifestando nos últimos anos da década de 1970 foi aos poucos sendo substituída por um presente nebuloso e um futuro incerto e depressivo, tanto no âmbito pessoal quanto no coletivo (PEREIRA, 2004). A revolução sexual parecia ter ficado para trás.

“O meu prazer agora é risco de vida” é um trecho de uma canção do compositor Cazuza que ilustra como, na prática, o desejo homoafetivo foi controlado em parte. Após a autodeclaração do poeta e cantor Cazuza como portador do vírus da AIDS, especulações sobre os tratamentos da doença tornaram-se cada vez mais frequentes nas manchetes de jornais (letra de Cazuza), e o lançamento de seu último disco “O tempo não para” provocou uma as-

sociação entre sua morte e a dificuldade de acesso ao AZT (medicamento ainda não disponível no mercado na época). Embora não haja uma relação direta estabelecida entre a AIDS e a produção artística de Cazusa, parece haver uma relação dialética entre sua vontade de viver e o tratamento. Assim, foram expostas fotografias esqueléticas, imagens doentias de Cazusa usando óculos escuros e bandanas na cabeça, sob o estigma da peste gay, que também foi reafirmado pelo belo ator Lauro Corona e pelo cantor e compositor Freddie Mercury, que morreram em decorrência da doença, criando assim uma disciplina sexual do corpo. A criação dos termos "grupo de risco" ou "comunidade de risco" mostrava um discurso muito anterior a Stonewall. Para que o desejo seja controlado, é necessário estabelecer um padrão. Os corpos gays devem transmitir, portanto, que não são portadores da AIDS.

A ideia de saúde recai sobre o padrão estético heteronormativo, corpos hipertrofiados que comunicam ações equilibradas e comportamentos condizentes. A "bicha louca", o "viadinho" passam a ser discriminados dentro do próprio universo gay. Para (Goffman, 2004), os desacreditados, aqueles que expõem suas identidades, rompem com o desacreditável, buscam omitir suas orientações sexuais caso estas causem estigmatização.

O primeiro caso de AIDS no Brasil foi chamado de 5H (homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos e hookers – ou profissionais do sexo); ocorreu em 1980, mas foi classificado apenas em 1982. As ações de prevenção levaram o governo a dialogar com as novas organizações não governamentais gays. Na década de 1980, houve o surgimento de várias en-

tidades, sendo o Grupo Gay da Bahia a primeira a conseguir registro oficial e destacar-se pelas denúncias de violência. O GGB foi idealizado pelo professor e antropólogo Luiz Mott e declara ser “a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Criado em 1980 e registrado como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983”<sup>7</sup>, esse grupo fundou internamente o Centro Baiano Anti-aids (CBAA), com a finalidade de redução do contágio e da violência contra a população gay, por ser a esta atribuída a responsabilidade pelo surgimento da AIDS. As ações do GGB eram, e continuam sendo, diversificadas, desde distribuição de camisinha em bares e casas noturnas na Avenida Carlos Gomes e adjacências, ou em reuniões na antiga sede na Rua da Ajuda, até às contagens de homicídios por homofobia, tornando a Bahia o primeiro estado a ter esse tipo de acompanhamento por uma organização não governamental.

No primeiro encontro de organizações gays, ou grupos gays, que ocorreu em São Paulo, em 1980, já se demonstrava uma busca por identidade. Alguns aspectos tratados foram: a autonomia das posições políticas (Fry, 1985), o apoio aos grupos feministas, a negação ao machismo, entendendo que a dicotomia *bofe/bicha* era uma expressão deste, substituição do termo *gay* por *entendido*. No entanto, o GGB retornaria a essa última questão e adotaria o uso do epíteto *bicha*, considerando importante requalificar a palavra (Ferrari, 2006).

O Grupo Gay da Bahia criou certo deslocamento ou expansão das questões gays, antes restritas ao eixo Rio/São Paulo, agora com representação atuante tam-

---

<sup>7</sup> [ggb.org.br](http://ggb.org.br) (Não mais disponível).

bém no Nordeste. E, talvez pelo fato de o seu criador ser oriundo do periódico anarquista *Inimigo do Rei*, podemos entender a recusa em usar o termo *entendido* por *bicha*, e a proximidade com Foucault, que visitou Salvador em 1976. A identidade do grupo e a do seu fundador, Luiz Mott, são indissociáveis desde a sua fundação, uma vez que ele sempre esteve à frente, refletindo e elaborando programas e/ou projetos.

Desde o início houve a preocupação de preservação de documentos históricos, clipagens e divulgação. Possuindo atualmente uma editora própria, o que permite a produção de novos materiais, historicizando a luta LGBTQI+, o GGB contribuiu para a construção das identidades de gênero. Devemos destacar que Salvador, mesmo sendo uma grande cidade, nos anos 1980, era gerida pelo *Carlismo*, um tipo de coronelismo que tinha no político Antônio Carlos Magalhães o grande patriarca. ACM, como era conhecido, apesar de eleito em vários pleitos, por diversas vezes ocupou cargos “biônicos” ou indicados pela ditadura e o controle era *linha dura*. É nesse ambiente que o GGB não só sobrevive, como cria formas de resistência, que serão discutidas e trocadas com outros grupos gays. A leitura de Mott (2009) sobre a relação da população do Brasil com o universo LGBT, chamada por ele de *tribo gay*, assemelha-se a Kulick e Gordon (2008):

O Brasil é um país desconcertantemente contraditório em relação a 10% de nossa população pertencente à tribo LGBT: em seu lado cor de rosa, abriga a maior parada gay do mundo, elegeu a transexual Roberta Close como modelo de beleza da mulher brasileira e agora virou moda mostrar personagens gays nas telenovelas. Mas nosso país se destaca no cenário global pelo seu lado vermelho sangue: aqui são assassinadas

50% das travestis do mundo, a cada 28 horas é registrado um “homicídio” e segundo recente pesquisa do Disk 100, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, a cada hora um LGBT é vítima de alguma violência homofóbica: insultado, expulso de casa, agredido em *bullying* escolar, espancado. 605% a mais do que no ano passado! A Bahia, que no imaginário nacional é a terra da alegria, na verdade, é território da homofobia: 24 assassinatos só nesse ano, 519 desde que o GGB começou esse banco de dados em 1980 [...] (MOTT, 2009, p. 1).

Esse seria o período que Green definiu como a “primeira onda” do movimento LGBTQIA+ brasileiro. Se o movimento foi oprimido pela ditadura quando ainda era embrionário, ao mesmo tempo mostrou-se capaz de articulação e inovação, como demonstrado pelo jornal *Lampião da Esquina* ou pela militância do SOMOS; se os estudos feministas, focados em “gênero”, possibilitaram o entendimento do “gênero” como uma construção cultural, por outro lado, as estratégias dos movimentos gays norte-americanos influenciaram significativamente nas ações, sendo ambos indissociáveis, como afirmou Trevisan, que se autoexilou naquele país.

Apesar de enfrentarem múltiplas pressões, os grupos gays souberam se posicionar e discutir com as esferas públicas seus projetos e programas, promovendo ações de saúde e alcançando, dessa maneira, uma parcela cada vez maior da população, sendo os grupos gays responsáveis pela criação da primeira rede de organizações não governamentais no país.

## **E da Lua, via-se Sergipe?**

O movimento pela causa homossexual começou em Sergipe, mais precisamente em sua capital, Ara-



caju, já nos anos 1980. Sergipe nunca ocupou um lugar de destaque no cenário nacional. Enquanto a ditadura militar pregava a ideia de sermos gigantes, com o maior estádio do mundo, a maior ponte, a Transamazônica e o milagre econômico, a capital sergipana, com população de 299.422 habitantes, localizada na região Nordeste e pauperizada, mais se caracterizava por uma oligarquia rural do que por ser palco de movimentos sociais e de direitos humanos (IBGE, 1991).

Segundo (Melo, 2013), José Silva conheceu o jornal *Lampião da Esquina*, o qual começou a divulgar. Sobre Silva, não se sabe a idade, apenas que era jovem e trabalhava como operador de fotocópia e atendente de cartório em Aracaju. Melo afirma que o contato ocorreu no final de 1979, em um congresso estudantil, mas não se sabe o local. José Silva passou a representar o jornal na capital sergipana, realizando o lançamento do periódico em 1980, no Diretório Acadêmico dos Estudantes da Universidade Federal de Sergipe (UFS). O evento contou com apresentações e “a presença da transformista baiana Suzana Vermont, personagem da noite soteropolitana naquele período” (Melo, 2013).

Enquanto no Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador a formação dos grupos e ações era predominantemente feita pela classe média intelectualizada, em Aracaju ocorria o inverso. As pessoas que formavam os grupos eram de origem menos abastada. A primeira organização gay do Estado surgiu em 1981, como é relatado pelo próprio grupo: “José [Silva] se reuniu a uma rede de amigos em sua residência, localizada em uma vila no centro da cidade, e fundou no dia 14.03.1981 o Grupo *Dialogay* de Sergipe” (Grupo Dia-

logay de Sergipe, 1981). O evento contou também com a presença do presidente do GGB, Luiz Mott. O conceito de vila, em Aracaju, é de pequenas casas geminadas com um único acesso, e enquanto algumas utilizam um banheiro coletivo, outras são mais espaçosas. Indubitavelmente, porém, a vila é um tipo de unidade habitacional direcionada para a população de baixa renda.

O *Dialogay* focava na visibilidade política do público gay, o que também era uma das principais bandeiras do GGB. Nos informativos do grupo, era comum a utilização de frases que buscavam demarcar esse território, como "Procuramos nossa liberdade" ou "Ser ou não ser homossexual, eis a questão". Outra característica era a ausência de pontuação final nas frases, como interrogação, exclamação ou ponto final, deixando a proposição em aberto.

Na manhã do dia 6 de junho de 2016, realizamos, por telefone, uma entrevista com Marcos Ribeiro de Melo, professor, ativista e um dos fundadores do grupo *Dialogay*, doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe. Seu doutorado constitui uma obra relevante, intitulada "Itinerários e 'lutas': o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBTTs em Sergipe (1981-2012)", uma das raras bases para pesquisa bibliográfica sobre o assunto. Assim, pudemos esclarecer algumas questões e discutir aspectos sobre o envolvimento das travestis nessa primeira onda, no já citado conceito de Green.

O Grupo *Dialogay* de Sergipe fechou suas portas em janeiro de 2003, devido a batalhas judiciais referentes a questões trabalhistas e acusações de desvio de verbas. Segundo o entrevistado, que foi inocentado após investigação do Ministério Público, "havia

perdido o time". As críticas da população e a justiça sergipana, que o consideraram culpado antes mesmo das investigações, trouxeram diversos desgastes. O Professor Marcos Melo ressalta que o Ministério Público chegou a indicar o fechamento de uma organização que tanto contribuiu para a causa LGBTQI+ sem a devida condenação.

Quando questionado sobre a ausência de travestis nos informes, Melo é enfático em afirmar que elas sempre estiveram presentes. Nos anos 1980, ele se recorda de duas; no entanto, a relação com a prostituição nas esquinas passou a ocorrer em 1989, quando um grupo de aproximadamente dez travestis ficou na Rua da Frente (região em frente ao Rio Sergipe), que até hoje é território delas. Isso talvez explique a omissão de sua participação no movimento.

A presença da Igreja Católica também foi relatada; consta que o Bispo Dom Lúcio José Cabral Duarte, apesar de sérios problemas de saúde, fazia rondas na cidade como ação coercitiva, além de suas homilias homofóbicas. O bispo, assim como no jogo de xadrez, possuía forte aproximação com os outros poderes e era bastante temido.

Lutas, algumas conquistas, outros retrocessos no horizonte, conflitos, batalhas e um sentimento de solidariedade entre os grupos. A verdade é que há um fosso a ser atravessado por todos para entender o diferente, o que vem a ser uma travesti, uma trans, entre tantos outros gêneros.

## **Considerações finais**

Das pesquisas e narrativas aqui elencadas, surgem alguns aspectos muito importantes para novos estudos e compreensões das interações que os mo-

vimentos de resistência LGBTQIA+ estabelecem com seus ambientes específicos de eclosão e ao longo de suas trajetórias. Quando se menciona o “movimento LGBTQIA+”, geralmente se imagina uma entidade unívoca, coesa e homogênea (assim como ocorre, por exemplo, quando nos referimos à “ciência”); no entanto, os materiais aqui reunidos evidenciam que isso não é o caso. Três corolários surgem das observações subjacentes a essa constatação.

I) Observamos como as eclosões e estratégias entre o movimento brasileiro e norte-americano, embora apresentem correspondências óbvias, estabeleceram frequentemente linhas simétricas-opostas devido a seus contextos específicos: enquanto, sob a democracia burguesa, os movimentos norte-americanos pregavam a “saída do armário” como política de afirmação, os movimentos brasileiros, sob a ditadura militar, tiveram que adotar a “permanência no armário” como política de sobrevivência. Assim, o primeiro corolário refere-se à atenção às responsabilidades de certo grupo no cerne de seu ambiente. A estratégia LGBTQIA+, portanto, deixa de ser entendida como uma espécie de fórmula pronta, fielmente transmitida e implementada entre tempos e lugares, mas sim como um movimento em constante evolução, realizado com criatividade, coragem e responsividade, implicando acertos e erros, eventos que servem como fragmentos históricos para novas formas de resistência através do engajamento criativo das futuras gerações.

II) Os movimentos não são homogêneos, nem externa nem internamente. A bandeira LGBTQIA+ abrange várias fatias da população, com tendências e opiniões diversas. Um exemplo dessa com-

plexidade prática refere-se aos desentendimentos da equipe editorial da *Lampião da Esquina* quanto ao seu público-alvo. A disputa entre João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva sobre o tema fornece um claro quadro da natureza multifacetada dentro do(s) movimento(s). Outro exemplo significativo, neste quesito, diz respeito às relações das travestis com esses movimentos em Aracaju e como as condições das mesmas configuram outros padrões de ação, que as tangenciam em relação ao movimento (embora nunca as separe totalmente).

III) A partir do que foi reunido e exposto, podemos dizer que o que Green (2000) chama de "primeira onda" não se trata de uma propriedade fundamental, encerrada nas partes individuais de certo sistema, mas sim de uma propriedade emergente. Propriedades emergentes são aquelas que surgem como resultado de um campo de forças habitado por diversos protagonistas. As ondas do mar não se confundem com as partículas de H<sub>2</sub>O que a substanciam; ela é uma propriedade emergente do campo de forças composto pelos entrelaçamentos entre mar e vento. De modo análogo, a "primeira onda" brasileira, de Green, também não se confunde com elementos isolados, mas surge no entrelaçamento, no entremeio, de entidades emaranhadas. Surge, por exemplo, das sincronidades e correspondências entre o grupo SOMOS e o jornal *Lampião da Esquina*, ao longo de seus papéis em um árduo campo de forças. Assim, a primeira onda figura como um monumento aberto que corrobora a emergência de novas ondas em um processo infinito e em espiral, não de reiteração, mas de reinvenção, onde os caminhos se abrem ao passo do próprio caminhar.

## Referências

- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, Moacir Lopes De. **Sobressaltos**: caminhando, cantando e dançando na f(r)esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2007.
- CARTER, David. **Stonewall**: The Riots that Sparked the Gay Revolution. St. Martin's Press, 2004.
- COELHO, Leudson da Silva; ALENCAR, Marcia Oliveira de. Dos movimentos sociais a mídia alternativa: discutindo a representação do gay no jornal Lampião da Esquina (1978). In: 3º ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA. **Anais...** São Luiz: Alcar Nordeste, 2014.
- FACCHINI, R.; SIMOES, J. **Na trilha do arco-íris**: do Movimento Homossexual ao Lgbt. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.
- FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 15, n. 1, p. 35-42, jan./jun 2011.
- FERRARI, Anderson A. "'Bichabanheirão' e o 'homossexual militante': grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual". REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. CAXAMBU, 2006. **Anais**. Caxambu: ANPED, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**: Curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos (v.V). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FRANÇA, Isadora Lins. *Cercas e pontes*. O movimento GLBT e o mercado GLS na cidade de São Paulo. Dissertação de mestrado, **Antropologia Social**. São Paulo: USP, 2006.

CASSETETES, TIROS E ENFRENTAMENTOS:  
RESISTÊNCIAS GAYS NO DECLÍNIO DA DITADURA MILITAR BRASILEIRA DE 1964

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

GREEN, James. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: UNESP, 2000.

GREEN, James. 'Mais amor e mais tesão': a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu** v. 15, p. 271-295, 2000.

GREEN, James. **Ditadura e Homossexualidades**: Repressão, Resistência e a Busca da Verdade. Santa Catarina: Edufscar, 2014.

IBGE. **Censo demográfico 1991**: Características Gerais da População e Instrução. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

KATZ, Jonathan Ned. *Gay/Lesbian Almanac*. Harper & Row, 1983.

KULICK, Don; GORDON, Cesar. **Travesti**: prostituição, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: 2008.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. Edição zero Abril de 1978 a Edição nº 37. Junho de 1981.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. Edição Extra 01. Dezembro de 1979.

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro. Edição Extra 02. Sem mês. 1980.

MACRAE, Edward Jhon Baptista. **A Construção da Igualdade**: Identidade Sexual e Política no Brasil da "Abertura". São Paulo: Unicamp, 1990.

MELO, Marcos Ribeiro de. Itinerários e "lutas": o engajamento de lideranças dos movimentos homossexual e LGBT em Sergipe (1981-2012). Aracaju, 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

MOTT, Luiz R. B. "Matar veado não é homicídio é caça". *Bahia Notícias*. <http://www.bahianoticias.com.br/cultura/coluna/3230-luiz-mott-matar-veado-nao-e-homicidio-e-cacada.html>. Acesso em 12 out 2017.

PEREIRA, Carlos A. Messeder. *O impacto da AIDS, a afirmação da "cultura gay" e a emergência do debate em torno do "masculino" – fim da homossexualidade?* In: RIOS, Luis Felipe et. al. **Homossexualidade**: produção cultural, cidadania e saúde. Rio de Janeiro: ABIA, 2004, pp. 52-62.

PERES, W. **Subjetividade das travestis brasileiras**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. Tese de doutorado. PPG em Saúde Coletiva- Universidade Estadual do RJ, Rio de Janeiro, 2005.

PERÉ, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2011.  
RODRIGUES, Jorge Caê. "Um Lampião iluminando esquinas escuras da ditadura". In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan H. (Org.) *Ditadura e homossexualidade no Brasil: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

SZYMBORSKA, Wislawa. **Instante**. Tradução Elżbieta Milewska e Sérgio Neves. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TRINDADE, Vivaldo Lima – **Assumidos**: Uma leitura em contos de Reinaldo Arenas, David Leavitt e João Silvério Trevisan. Salvador: 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

#### DADOS DO AUTOR

##### JOÃO DANTAS ANJOS NETO

(UFG) - Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP e Doutorado Sanduíche pela Universidade do Porto - UPORTO (Bolsas CAPES e CNPq). Mestrando em Antropologia pela Universidade de Brasília (UNB) e Mestre em Administração. Atualmente é Professor na Universidade Federal de Goiás (UFG) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV/FAV - UFG/Campus Goiânia). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5353-3981>. E-mail: joaodantas@ufg.br